

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

VERITAS

Revista de cultura geral – Trimestral

LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa – Trimestral

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia – Trimestral

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História – Semestral

REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – Trimestral

PSICO

Revista especializada em Psicologia – Semestral

DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito – Sem periodicidade

EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – Semestral

ODONTO CIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia – Semestral

PUCRS – INFORMAÇÃO

Boletim informativo – Bimestral

AGENDA PUCRS

Boletim informativo interno da PUCRS – Mensal

COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Sem periodicidade

MUNDO JOVEM

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – Mensal

ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas – Semestral

Uma abelha na chuva e Alexandra Alpha: Sob o Paradigma da Paixão

Márcia Helena Saldanha Barbosa

CPGL/PUCRS

Ao contrário de outras obras neo-realistas, que se concentram preferencialmente no grupo, os romances *Uma abelha na chuva* (1953), de autoria de Carlos de Oliveira, e *Alexandra Alpha* (1987), de autoria de José Cardoso Pires, focalizam o indivíduo. Carlos Reis(1) aponta para a superação de um esquematismo maniqueísta em *Uma abelha na chuva* quanto à apresentação dos indivíduos que pertencem aos setores dominantes e dominados da sociedade. E a análise de *Alexandra Alpha* indica que a mesma afirmação pode ser feita em relação a esta obra.

Nesses romances, é o aprofundamento da conformação psicológica das personagens que permite demonstrar a complexidade da mente humana e as diferentes relações que se estabelecem entre a posição social ocupada pelo indivíduo e o seu modo de sentir, pensar e agir.

Os desejos de amar e de ser feliz parecem ser sentimentos universais acalentados pelo homem durante séculos. Nessas obras, o indivíduo move-se em um universo em que estes sentimentos nem sempre podem ser satisfeitos. As personagens agem impelidas por paixões – amor e/ou vontade de transformar o mundo – ou têm suas paixões neutralizadas, de forma provisória ou definitivamente. Tanto em *Uma abelha na chuva* como em *Alexandra Alpha*, constata-se uma impressionante correspondência entre os elementos e os processos que participam da vida física, sexual e afetiva de cada personagem e aqueles que permeiam sua vida social. E esta correspondência é reforçada, em ambos os romances por meio da simbologia.

UMA ABELHA NA CHUVA:

Os habitantes da aldeia do Montouro e o poder da burguesia rural

Em *Uma abelha na chuva*, observa-se, no estrato dominante, representado por D. Maria dos Prazeres, Álvaro Silvestre e aqueles que os cercam, a existência de relações estéreis em todos os níveis. Os protagonistas vivem uma relação desgastada, resultado de um casamento que para ambos os lados significou apenas a realização de um negócio vantajoso. A aristocracia decadente, na personagem de D. Maria dos Prazeres, recuperou o poder econômico que havia perdido; e a burguesia rural, na personagem de Álvaro Silvestre, conquistou o título de nobreza, que lhe faltava para consolidar seu poder político.

D. Maria dos Prazeres nutre um sentimento de profunda repulsa pelo marido, com quem evita qualquer contato físico. Por outro lado, sente uma forte atração pelo cunhado e por Jacinto, empregado da fazenda. Do cunhado ela está separada pela distância geográfica e de Jacinto, pelo abismo que separa dois estratos sociais opostos. Deste modo, o seu é um desejo irrealizado. Mas a sexualidade recalcada atesta que nela o desejo não morreu e que ela é, na verdade, um vulcão prestes a entrar em erupção, como, aliás, indica seu próprio nome - Maria dos Prazeres. Pelo contrário, Álvaro Silvestre é um corpo inerte, que parece haver morrido para o sexo.

Ao vigor sexual que D. Maria dos Prazeres pode sentir correspondem, no nível social, a firmeza com que ela defende o estatuto de sua classe e a sua capacidade de perceber a dialética histórico-social. E a inércia sexual e a indolência de Álvaro Silvestre encontram seu equivalente na vacilação que lhe impede de levar até às últimas consequências a defesa da ideologia de sua classe, e que é responsável pelo remorso cíclico e pelo medo obsessivo da morte, sentimentos que o perseguem. Soma-se a estes sentimentos a alienação em que vive a personagem, o que faz com que ela só consiga equacionar o tempo em moldes estáticos, ignorando o devir histórico.

Além disso, a esterilidade na relação afetiva do casal, sua incapacidade de gerar descendentes, determina, em certa medida, sua infecundidade no plano social, pois os filhos seriam os herdeiros, os continuadores de seu patrimônio.

A esterilidade e a deterioração das relações existentes entre o casal de protagonistas são representadas, de modo especial, na narrativa, por meio de dois símbolos, na visão do Dr. Neto, - a putrefação do enxame no interior da colmeia dos Silvestres e o fato destas abelhas produzirem fei, ao invés de mel.

As reações, no plano físico, sexual e afetivo, das personagens que freqüentam a residência dos Silvestres também encontram correspondência em seu comportamento social. O eterno noivado entre Dr. Neto e D. Cláudia configura uma relação platônica entre dois extremos. Ele, por ser médico, estabelece um contato direto com os elementos da natureza e com a sexualidade humana. Ela mantém o seu desejo domesticado e evita qualquer contato físico, o que denota a repressão sexual em que vive. A convivência do Dr. Neto com os fenômenos da natureza e o conhecimento que adquiriu acerca do comportamento humano têm um desdobramento em sua vida social. Ele é o único capaz de avaliar as implicações ideológicas de todos os acontecimentos que envolvem os Silvestres e a comunidade e que, para os outros, surgem como fatos dispersos ou mera coincidência. Além disso, ele percebe a dinamicidade do fluxo temporal. Por sua vez, a imunidade e o distanciamento de D. Cláudia em relação ao sexo reduplicam-se em sua vida social em termos de um completo alheamento e uma pretensa neutralidade no que diz respeito à situação enfrentada pelos Silvestres e pelos habitantes do lugar.

A relação suspeita e ambígua existente entre o Padre Abel e D. Violante indica a hipocrisia da Igreja Católica, que impõe o celibato sacerdotal ao mesmo tempo em que convive pacificamente com a transgressão desta norma. Segundo Carlos Castilla del Pino: "a aprendizagem da repressão sexual comporta, ou implica, a aprendizagem da submissão total ao sistema". E este autor ainda afirma:

O caso mais evidente desta teleologia da repressão sexual é constituído pelo celibato sacerdotal. Segundo aqueles que defendem este celibato, o que entraria em crise, com a sua abolição, seria a autoridade (...) Temos assim o paradoxo, estranho só na aparência, pelo qual a hierarquia religiosa se mostra muito mais zelosa na conservação da instituição do celibato que perante as repetidas e ocultas, mas bem conhecidas, transgressões de todos os gêneros da castidade. Por outras palavras, há casos em que se tolera o pecado desde que se salvguarde a instituição. (1978, p. 13-4).

A hipocrisia da Igreja também se manifesta nas posições assumidas pelo Padre Abel. Enquanto o ideário cristão difunde a máxima que diz que todos os homens são iguais perante Deus e a Igreja, ele faz uso de um discurso que se quer imparcial sempre em favor dos setores dominantes da sociedade.

António Oleiro é uma personagem que se situa na fronteira entre estratos sociais distintos. Em sua origem, pertence aos setores dominados da sociedade, no entanto, gradativamente, vai incorporando todos os valores que compõem o estatuto das classes dominantes. Em sua vida afetiva, orienta-se pelo código de honra destas classes, agindo conforme a vontade de Álvaro Silvestre, o que determina a morte de Jacinto e Clara. Em sua vida profissional, sucumbe aos apelos míticos, trocando a fabricação de coisas úteis pela modelagem de Santos. A cegueira de António Oleiro simboliza a alienação social em que se encontra, tornando-se incapaz de identificar seus inimigos e seus aliados de classe e assimilando a ideologia dos setores dominantes.

No estrato dos dominados, destacam-se Clara e Jacinto, cuja relação é fecunda em todos os sentidos. No terreno afetivo, sua relação é produtiva pois acha-se isenta de qualquer interesse monetário. A paixão amorosa entre eles é algo que se concretiza no plano físico, desafiando a moral vigente, e resulta na gravidez de Clara. No nível social, sua relação é fértil pois Jacinto é o único membro da comunidade capaz de perceber as fissuras existentes no setor dominante, detectando a fragilidade da aliança de classes selada entre D. Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestre. Além disso, não depende de outrem para sobreviver, pois possui a sua força de trabalho e domina as técnicas de produção.

Por tudo isso, somente eles podem fazer planos para o futuro e lançar-se, de forma decidida, na conquista de seus sonhos — o amor e a felicidade —, em nome dos quais enfrentam todos os obstáculos. Os elementos que simbolizam a fecundidade desta relação são a abelha e o mel. A abelha representa não só a capacidade de produção que marca o relacionamento de Jacinto e Clara. Mas também o trabalho surdo realizado por eles no sentido de transformar a estrutura social, começando por questionar os padrões de comportamento consagrados pela ideologia dominante. A transformação do pólen e a elaboração do mel (que se opõe ao fel) simbolizam a doçura de sua relação e o poder de dar o salto qualitativo para a realização das mudanças sociais.

As mortes de Jacinto e Clara, que encerram o romance, ao invés de significarem o fim de um sonho, apontam para o irrefreável escorregar da temporalidade. É justamente a morte destas personagens que provoca a reação da comunidade contra os Silvestres, cuja autoridade até então se mantinha inquestionável. E esta reação, ainda que tenha ocorrido de forma espontânea e desorganizada, evidencia fundamentalmente dois aspectos. O primeiro deles diz respeito à fragilidade dos setores que baseiam todo o seu domínio na autoridade e no poder constituído. O segundo está relacionado à força e à solidariedade, quase instintiva, existente entre os membros da aldeia do Montouro, algo que os leva a levantarem-se, inesperadamente, quando todos pareciam adormecidos, para defenderem uns aos outros.

ALEXANDRA ALPHA: A intelectualidade portuguesa e o regime salazarista

Alexandra Alpha, cuja ação decorre preferencialmente em Lisboa, no período da ditadura de Salazar, focaliza indivíduos que representam estratos sociais distintos; mas concentra-se, sobretudo, em personagens que se movem no meio da intelectualidade.

Na primeira parte do romance, intitulada "A cor da pérola", podem ser estabelecidas diversas conexões entre as reações e os sentimentos das personagens no nível de sua vida física, sexual e afetiva e no âmbito social. A impotência sexual do Doutorzinho e a esterilidade de Sophia, que ela procura constantemente disfarçar com uma gravidez que é mero produto de sua imaginação, encontra seu equivalente na impotência e na esterilidade social das diferentes personagens. Todas elas mantêm-se omissas e impassíveis diante do autoritarismo do regime e, para ocultar sua atitude de isenção e sua incapacidade de gerar uma nova ordem social, representam papéis para os outros e para si mesmos. A prostituição, que tem lugar em sua vida sexual, reduplica-se no plano social. Os intelectuais preferem conviver com o regime ditatorial a arriscar suas vidas e, desta forma, prostituem-se, acabando por perder a própria identidade.

A amputação e a deformidade física que caracterizam vários figurantes (cegos, surdos, mudos, coxos e rostos disformes desfilam nas

páginas do romance), bem como a castração nas relações afetivas (entre amantes e entre mãe e filho, no caso de Alexandra e Beto) correspondem à automutilação dos indivíduos, que se calam antes mesmo de serem ameaçados pela Pide.

A traição, que marca a vida afetiva e sexual das personagens, reproduz-se em sua vida social. A omissão, a dissimulação e o acovardamento surgem como formas de traição quando todos, com exceção de Maria, furtam-se de manifestar seu protesto contra a prisão de Nuno, vítima de perseguição política.

A relação sado-masoquista que Afonsinho mantém com seus manequins traduz-se, no plano social, pela relação de autoritarismo/passividade entre governo e povo, por isso diz-se que Afonsinho e o governo praticam a necrofilia, pois ambos obtêm satisfação exercendo sua força física ou seu poder político sobre elementos que não podem reagir. E à solidão em que vivem os indivíduos corresponde o isolamento do governo que dispensa e, mais do que isto, reprime a participação popular, concentrando todo o poder em suas mãos.

Por fim, ao medo de amar soma-se o medo da paixão transformadora. Os indivíduos sofrem os efeitos da repressão sexual e política, que os leva a renunciar às suas paixões.

É o medo de amar que faz com que Sebastião Opus Night torne-se constantemente vítima de alucinações, em que sua ex-mulher surge ora disfarçada de freira, ora sob a forma de uma prostituta. O comportamento desta personagem, assim como a reação de Steve, ao querer casar-se com Alexandra, denotam o substrato de uma formação ocidental do homem "que não sabia (ou não sabe ainda) o que fazer com Eva e Maria juntas" (SANT'ANNA, p. 99). Este maniqueísmo sexual e ideológico sobrevive também porque as transgressões servem para confirmar a regra. As figuras da prostituta e da amante surgem para valorizar as imagens da esposa e da mãe. Por tudo isso é que Steve, ao estabelecer um vínculo afetivo com Alexandra, necessita, urgentemente, transformá-la em sua esposa. Ele não é capaz de elaborar a síntese entre amante e esposa, prazer e afeto e, assim, reedita a polarização que subordina a figura da mulher a estereótipos. Ele foge de qualquer forma de relacionamento que não tenha sido prevista e que não esteja devidamente catalogada de acordo com os padrões sociais consagrados.

Por seu turno, a transmutação das mulheres - Alexandra, Maria e Sophia - em fêmeas devoradoras denunciam o medo que elas

possuem de serem dominadas pelo macho. Estas mulheres adotam posturas que até então eram "privilégios" do homem (e das prostitutas), como a vivência do sexo dissociada de qualquer envolvimento emocional. Negam a falsa virtude de "anjo do lar", mas acabam endossando a antiga polarização e os rótulos que aprisionam sua identidade. Neste fragmento, Malvina Muzkat parece descrever exatamente a situação vivida pelas personagens femininas do romance:

À desmoralização milenar do feminino, nós mulheres hoje temos procurado reagir heroicamente sem, entretanto, percebermos o quanto estávamos identificadas com essa desvalorização. Pobres de recursos provenientes de experiências relativas a nossa própria natureza, admiradas e seduzidas pelo poder de um masculino patriarcal, empreendemos a luta anímica já enfraquecidas e caímos num novo tipo de repressão que constela um quadro antes característico do homem da nossa cultura: embotamento da afetividade, desvalorização das funções maternais e domésticas, com supervalorização da realização intelectual e econômica.

Somos assim da "mística feminina" que nos aliena para a "mística feminina" que nega parte de nossa identidade. Continuamos cometendo o mesmo erro básico: tomar a parte pelo todo. Tornamo-nos tão "moralistas" e unilaterais quanto os parceiros que buscamos contestar (1987, p. 29).

O medo da paixão transformadora que, na primeira parte do romance, domina os indivíduos, impedindo-os de buscar a liberdade, fica expresso nos provérbios, que prescrevem normas de conduta. Ex.: "a paixão é luz que não perdoa" (p. 176). Os lugares-comuns do ideário popular estão presentes nas parábolas contadas ao longo do romance e na fala de diferentes personagens, mas aparecem principalmente nas palavras de Sebastião Opus Night. Estes lugares-comuns constituem o universo do pensamento estereotipado, feito de recorrências e fatalidades, e têm caráter exemplar. Eles instauram o medo e o conformismo, tornando-se um convite à inércia, através do qual busca-se evitar que as paixões de cada personagem se transformem "num impulso de ação", tal como acontecera com o Padre Miguel.

Na segunda parte do romance, intitulada "Ascensão e morte", ocorrem significativas mudanças no que diz respeito ao comportamento de algumas personagens em relação às suas paixões.

Nuno começa a participar ativamente do sindicato e devido a isso vai preso. Maria gradativamente vai-se distanciando do grupo

que se reúne no Bar Crocodilo, começa a encarar os medos e frustrações que embaraçam sua vida afetiva, assume suas origens proletárias e passa a ter uma militância destacada a partir do momento em que é deflagrada a Revolução dos Cravos.

Alexandra, por sua vez, é a personagem que mais se modifica na história e, neste processo de evolução, enfrenta inúmeras contradições. Ela nasce no meio da aristocracia rural, o que faz com que alguns valores da tradição estejam arraigados à sua personalidade. Depois, em Lisboa, frequenta as rodas da intelectualidade e trabalha na Alpha Linn Publicidade, empresa que, por sua natureza, coloca-a em contato íntimo com a engrenagem do mundo capitalista. Ela envolve-se a tal ponto neste universo que passa a ser metade nome, metade alcunha – Alexandra Alpha –, o que denota a internalização da ideologia burguesa pela personagem. E, aqui, novamente, as infrações à norma servem apenas para confirmá-la. Quando Alexandra sai de seu gabinete e vai dar um passeio no parque para “arejar”, o narrador, filtrando o pensamento da personagem, compara-a a uma “ave doméstica que precisa dum asilo tolerado para se resignar à gaiola” (p. 192). Também assume caráter de fuga a convivência da personagem com o mundo da marginalidade. Neste período, Alexandra isenta-se de assumir qualquer compromisso, seja ele amoroso ou político.

Posteriormente, Alexandra começa a perder o medo de amar. Envolve-se com o Doutorzinho, a quem declara o seu amor, e afasta-se de Beto, que representava o prolongamento da imagem de Waldir (o nome de que ela lançava mão para romper seus relacionamentos) e por quem ela alimentava um ciúme de mãe castradora.

Por outro lado, ela também vai abandonando o medo da paixão transformadora. Vive, na Alpha Linn, um processo de resistência ao cerco do movimento contra-revolucionário e começa a assumir um posicionamento favorável à luta dos trabalhadores. A atitude que marca o início de sua práxis política diz respeito à sua participação, junto com Maria e Padre Miguel, no voto que visa propagandear a campanha de prevenção contra a peste suína.

Observa-se, através da simbologia, que as idéias de esterilidade e de gestação coexistem no decorrer da narrativa. Mesmo na primeira parte do romance, que caracteriza a impotência e a repetição dos indivíduos que parecem mover-se em círculos está presente esta última idéia. Em uma de suas gravações, Alexandra afirma:

“Toda a gestação, repito. Toda a gravidez é em redondo” (p. 44)

Além disso, no sonho da personagem, aparece a imagem de um relógio com um só ponteiro numa torre do Alentejo, encimada por uma cegonha numa só perna. Este símbolo, denuncia a persistência na mente da personagem, do desejo de gerar uma nova ordem social. Este desejo se encontra temporariamente submerso, em estado de latência, mutilado devido à repressão que se abate sobre o país, mas pode irromper a qualquer momento, uma vez que o ansejo de liberdade é um sentimento inerente ao ser humano.

A morte de Alexandra e de seus amigos, assim como o registro de outras ações do movimento contra-revolucionário, ajudam a compor um quadro realista do momento histórico. Não representam, porém, o fracasso da Revolução dos Cravos e muito menos o fim do sonho de liberdade. Neste romance, o próprio narrador, que participou dos acontecimentos que marcaram o início do processo revolucionário, sobrevive para contar a história de Alexandra e sua paixão que, em muitos aspectos, identifica-se à paixão vivida por grande parte da população do país. Deste modo, ele retrata a metamorfose do povo português, que, no transformar seu país, desinventa-se e reconstrói sua própria vida.

SOB O PARADIGMA DA PAIXÃO

Os romances *Uma abelha na chuva* e *Alexandra Alpha*, além de focalizarem indivíduos, ao invés de grupos, não os representam de forma esquemática e superficial. Estas narrativas investem na conformação psicológica das personagens e, assim, desvelam os desejos imortais do homem – o amor e a conquista da felicidade.

Além disso, o olhar atento sobre o percurso de cada personagem revela que a liberdade, passível de ser alcançada apenas através de profundas mudanças sociais, é a condição essencial para que estes sentimentos se realizem plenamente. A liberdade promove o desenvolvimento do homem em todas as suas potencialidades e a afirmação de sua individualidade.

Os textos demonstram, no entanto, que o novo homem já começa a surgir antes mesmo que as modificações na estrutura social te-

nam se concretizado, no momento em que age para transformar o mundo. Inventando a sociedade, ele inventa a si próprio. Embora a ideologia que prevaleça seja a dos setores dominantes, as novas idéias, os sentimentos verdadeiros, o redimensionamento das relações afetivas e a revisão dos papéis sociais já avultam sob a estrutura capitalista, ainda que este não seja um fenómeno generalizado.

Ambos os romances apontam a paixão como um elemento impulsionador da ação humana. É esse sentimento quase instintivo – um misto de solidariedade e revolta – que faz com que milhares de indivíduos que vivem alheios a qualquer esquema racional, levantem-se contra a opressão. Ao mostrar que os homens agem não apenas movidos pela reflexão, mas também pela paixão, e que não são somente os fatores económicos que determinam as transformações sociais, estes romances atestam uma compreensão mais profunda e mais ampla do materialismo histórico. E esta compreensão é a única que pode distingui-lo do positivismo. Engels, em carta a Bloch afirma:

Se os mais jovens insistem, às vezes, mais do que devem, sobre o aspecto económico, a culpa em parte temos Marx e eu mesmo. Face aos adversários, éramos forçados a sublinhar esse princípio primordial que eles negavam e nem sempre dispúnhamos de tempo, de espaço e de oportunidade para dar a importância devida aos demais fatores que intervêm no jogo das ações e das reações (...). Infelizmente, acontece com muita frequência que se pense ter compreendido totalmente a nossa teoria e que se possa maneja-la, sem mais nem menos pelo simples fato de haver-se assimilado – e nem sempre de maneira exata – suas teses fundamentais. Não se acham isentos dessa censura muitos dos novos marxistas(2)

A abordagem dos fenómenos sociais introduzida por ambos os romances indica que a evolução por que passa o Neo-Realismo não se limita a uma maior preocupação por parte dos autores em explorar as potencialidades da linguagem. Esta evolução também é dada pelo fato de que estes autores recusam-se a reproduzir fórmulas vazias e reducionistas, avançando até mesmo para a elaboração de aspectos não desenvolvidos pelos teóricos marxistas.

NOTAS

- 1 - REIS, Carlos. Representação narrativa e simbolização. Uma abelha na chuva. In _____. *O discurso ideológico do neo-realismo português*. Coimbra: Almedina, 1983. p. 583-633.
- 2 - "Carta de Engels a Bloch". Londres, set, 1890. Transcrita na *Revista Principios*. São Paulo. dez. 1988. p. 41-2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARTA DE ENGELS A BLOCH. *Revista Principios*. São Paulo, dez. 1988, p. 41-2.
2. DEL PINO, Carlos Castilla. Sexualidade e poder. In: VERDIGLIONE, Armando (Org.). *Sexualidade e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1978. p. 13-7.
3. MUSZKAT, Malvina. A mulher em busca de sua identidade. In: SEABRA, Zelita & MUSZKAT, Malvina. *Identidade feminina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p. 12-42.
4. OLIVEIRA, Carlos de. *Uma abelha na chuva*. 22. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1980.
5. PIRES, José Cardoso. *Alexandra Alpha*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
6. REIS, Carlos. Representação narrativa e simbolização. Uma abelha na chuva. In: _____. *O discurso ideológico do neo-realismo português*. Coimbra: Almedina, 1983. p. 583-633.
7. SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. São Paulo: Brasiliense, 1984.